CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

24

U
LISBOA
Centro
de História

ΜΗΝΙΝ ΑΕΙΔΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

em comparação com a sua quase insignificância na sociedade grega. É sublinhado o intuito do estudo: realçar a autonomia política das duas mulheres visadas, não como subordinadas a Octaviano e António, mas como *feminae politicae*.

Esta obra é um contributo assinalável para a história das elites femininas romanas. Seria, no entanto, impossível que numa obra desta envergadura não houvesse algumas pequenas observações a assinalar. Poderiam ter sido discutidos com maior pertinência a origem, influência e ambiente da produção das fontes citadas. Lamentamos, igualmente, a quase completa ausência do testemunho de Flávio Josefo, fonte essencial para compreender o período de estadia de António no Próximo Oriente e, principalmente, no tratamento da imagem de Cleópatra VII. Seria também desejável que o extenso *corpus* numismático fornecido na obra acompanhasse o texto produzido (e.g. pp.35-36). Como complemento a este trabalho, seria importante uma aproximação ao estudo da terceira mulher de António, Fúlvia, baseado em dois tópicos: os traços retóricos do comportamento de uma matrona romana (Octávia vs Fúlvia) e os paradigmas de alteridade (Fúlvia vs Glafira). Notamos a ausência do testemunho de Sen. *Suas.* 1.6. (pp.78-79). Na p.174, o autor propõe analisar as deserções de Planco e Aenobarbo, quando, porém, analisa as de Planco e Marco Tito.

No seu conjunto, o livro em recensão reveste-se do maior interesse e importância para o estudo do uso da propaganda como História. O tratamento de que dispõem Octávia (normalmente subvalorizada no tratamento da elite feminina romana no século I a.C./d.C.) e Cleópatra VII constitui-se como uma mais-valia para os *gender studies,* tanto pela aposta na temática, como pela abordagem original.

João Paulo Valério

CHRISTIAN LAES et JOHAN STRUBBE (2014), *Youth in the Roman Empire. The Young and the Restless Years?*, Cambridge, Cambridge University Press, 256 pp. ISBN 978-1-107-04888-1 (hardback, £60.00), 978-1-107-62672-0 (paperback).

Este livro é uma versão inglesa de um original publicado em neerlandês, em 2008, *Jeugd in het Romeinse Rijk: Jonge jaren, wilde haren?*, que segue os trabalhos e investigação desenvolvida por E.

Eyben, no âmbito dos estudos sobre a juventude na Roma Antiga. Com efeito, como têm demonstrado os seus trabalhos, C. Laes é um dos académicos que mais se tem dedicado a esta problemática, no seguimento de Eyben. O livro agora publicado em parceria com J. Strubbe vem confirmar a qualidade dos estudos previamente publicados por Laes, mas também trazer novas abordagens e perspectivas que foram reconhecidas pela editora de Cambridge, ao ponto de nos oferecer esta versão em língua inglesa.

Um dos méritos deste volume, que destacamos desde já, é o facto de os seus autores terem decidido apresentar como capítulo introdutório uma síntese que diz respeito sobretudo à teoria subjacente à problemática estudada. O que se deve entender por «juventude»? Assim, Laes e Strubbe não escapam à complexidade da tarefa e propõem a sua análise, incluindo teses e perspectivas de autores tão importantes quanto Margaret Mead, Philippe Ariès, Lawrence Stone e o próprio Emiel Eyben. Cada um destes autores trabalhou em domínios distintos, da Antropologia à História, da História Antiga e Medieval à História Moderna, mas todos com a preocupação comum de analisar a problemática da juventude. Este capítulo, por si só, teria valido esta publicação, dada a sistematização e síntese apresentadas.

Os restantes doze capítulos do livro centram-se em análises concretas do tema da juventude na Roma Antiga, levando em conta questões tão pertinentes quanto as ideias de «minoridade» e de «maioridade» (as tão celebrizadas «idades do homem»), terminologia, rituais de passagem, questões médicas, educação, sociabilidade, comportamentos e casamento. É ainda incluída uma importante rubrica sobre as perspectivas pré-cristãs e cristãs do tema, sendo esta da maior importância, uma vez que o assunto é diacrónico e por isso torna-se relevante perceber as rupturas, se as há, ou as continuidades.

Uma bibliografia final e um índice remissivo contribuem também para a qualidade do volume. Mas seria pertinente, ou mesmo desejável, a existência um índice de passos citados, dado que a investigação de Laes e Strubbe se centra fortemente em fontes literárias. De qualquer modo, este é mais um valioso contributo para o estudo da história social e das mentalidades da Roma Antiga.

Nuno Simões Rodrigues